

O AVESSO DA FOTOgrafia: ranhuras propositais e desconfortos poéticos da imagem

Pedro Nunes
Multimídia e Professor da UFPB

O ensaio *Tessituras Urbanas* pode ser muito bem compreendido enquanto proposta visual que encampa de modo não-usual o próprio lastro produtivo imagético de seu criador, acompanhado de um salto poético mortal. Ao contrário da dimensão significante do salto acrobático, o salto poético mortal só se faz possível no campo das imagens com a depuração de um tempo histórico não-linear estreitamente associado a uma temporalidade criativa que caracteriza o humano João Lobo. Esse salto engendrado através de *Tessituras Urbanas* se associa ao seu trabalho anterior pela diferença e, conseqüentemente, pela contraposição. Como produto final de um trabalho de investigação visual, temos um conjunto de exercitações no campo da fotografia muito mais livres e arrojadas do ponto de vista da sua estruturação significativa.

Na verdade, essa liberdade construtiva enquanto marca do processo de produção de imagens foi deliberadamente pensada no sentido de desestabilizar o olhar em termos de recepção. A ideia, mobilizada pela imaginação, se transmutou em conceito. O conceito, com graus de abertura, abriga turbulências dos signos e abdica das regras em termos das convenções técnicas que originalmente amparam a fotografia. Trata-se de um conceito criativo aplicado de forma transversal em *Tessituras Urbanas*, onde o sintagma visual enquanto eixo da narrativa visual condensada é violentado em cada foto. Esse processo de dessintagmatização dos signos presente em *Tessituras Urbanas* pode ser explicado pela projeção do paradigma sobre o sintagma. Dizemos que uma imagem é poética quando identificamos ações de ordem paradigmática diretamente associadas ao processo de criação (gênese da criação) e que valorizam os aspectos formais da fotografia e demais sistemas de representação.

Assim, as diferentes poéticas verbais, sonoro-visuais e as propostas criativas que mobilizam outras classes de signos igualmente operam neste sentido de construir relações paradigmáticas de ordem estética que põem em relevo a própria mensagem e os seus mecanismos de linguagem. Essas dinâmicas poéticas materializadas com base na ação

diagramática dos signos evidenciam a conotação de forma interligada com as potencialidades plásticas da obra. Em síntese, nestes casos: “dizemos que o texto poético apresenta-se como um complexo significante que quebra com suas marcas representativas, instaurando a ambiguidade. Segue a linha de desestruturação lógica do discurso, evidenciando, na sua essência, recursos sintáticos de combinação, quebra da linearidade narrativa e código”. (NUNES, 1993:20)

Ao relegar deliberadamente procedimentos técnicos da fotografia “sem a preocupação do erro” João Lobo assume de Corpo e Alma o risco poético e contraria uma ordem preestabelecida. Trata-se, conforme a nossa conceituação do poético, de uma forma de desestabilizar a lógica do habitual discurso fotográfico. Esse estranhamento da força poética nos força a pensar. Paradoxalmente, em *Tessituras Urbanas* João Lobo retoma o princípio da fotografia já trabalhado de outra maneira no seu livro *O Essencial é Invisível* em que efetua um resgate histórico-poético, restauro e tratamento da imagem de fotos eróticas antigas. Remonta os primórdios da fotografia pelo seu lado avesso, com fotos de sexo explícito, arqueologicamente desencavadas e recolocadas em circulação. Neste caso do livro, a referencialidade é visível e as fotos são coloridas ou passaram por um processo minucioso de corolorização e tratamento das imagens.

No caso do ensaio *Tessituras Urbanas*, as fotos assumem uma dimensão da poética retrô priorizando a escala cromática do preto, branco e cinza evidenciando os jogos de sombras e luzes. Quase sempre o foco, qualidade imanente da fotografia, é IMPRECISO. Essa imprecisão em termos de DESfoco pode ter sido assumida pelo criador com a própria intenção em não ajustar o foco, pelo registro com o diafragma aberto, pelo movimento abrupto da câmera ou a própria inscrição da ação do movimento na fotografia através de ajuste do obturador e alteração da velocidade. Outra possibilidade é a utilização da técnica do *panning*, na qual o fotógrafo move a câmera velozmente em direção ao assunto em movimento. Essas possibilidades podem estar combinadas entre si ou mesmo à escolha de outras formas de captação da imagem. De forma hipotética, talvez, outros procedimentos foram utilizados.

A inscrição do movimento em *Tessituras Urbanas* por vezes borra a imagem ou produz outra imagem distorcida, fantasmagórica. Esses movimentos em forma de presença significante produzem uma ambiência visual mais abstrata, esfumada, borrada e, por

vezes, ilegível em relação ao referente. Essas marcas poéticas expressas em formas de ranhuras, ruídos e indefinições da imagem e incorporação do que é considerado como erro naturalmente pode provocar entrechoques do ponto de vista da interpretação. No entanto, essa ousadia é plenamente assumida por João Lobo. Aliás, esse é o seu argumento poético, o ensaio é a sua proposição complexa evidenciando o que está fora do eixo ou mesmo fora da ordem. Neste caso, vale lembrar Julio Plaza, que, ao citar Válery, destaca o seguinte: “A desordem é essencial à criação enquanto essa se define por uma certa ordem.”(PLAZA, 1987:43)

Tessituras Urbanas evidencia o imperfeito enquanto ato poético. Essas imperfeições assumem, particularmente em *Tessituras Urbanas*, o lugar do mais-que-perfeito fotográfico.

As imagens em desalinho produzidas por João Lobo evocam o ato pensante e nos conduzem para as dinâmicas dos centros urbanos com seus espaços de convivências e sociabilidades. Essas imagens também caracterizam a complexidade da pólis em termos de sua caoticidade, auto-organização humana, letreiros, sinais, ruas com movimentos humanos, transportes, feiras e edificações com seus espaços vazios. A cidade sob o olhar do fotógrafo revela a sua policentralidade, as dinâmicas da territorialidade, pontos de aglomeração e as suas rotas de fuga. Chico Science complementa musicalmente: “A cidade não para / A cidade só cresce.”

Por fim, o ensaio *Tessituras Urbanas*, enquanto gerador de significações carrega no bojo de suas imagens a dimensão pessoal do gesto criativo. Evidencia as intenções e subjetividades do fotógrafo enquanto artífice no processo de manejo detalhado dos signos. Revela ainda um novo ponto de partida de João Lobo tendo como alma temática os aglomerados urbanos.

Tessituras Urbanas, enquanto marca autoral, expressa um tempo de criação e superação de João Lobo. Naturalmente, os próximos futuros trabalhos serão reinventados, esse é o sentido poético para que a arte sobreviva enquanto oxigênio e recria e transforma a própria realidade. Vale destacar neste fecho final a seguinte afirmação de Roland Barthes: “No fundo, a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa”. (BARTHES,1984:62). *Tessituras Urbanas* se alia ao estilo naturalmente ao mais cerebral por essa característica imanente do signo poético que

é a sua auto-reflexividade.

João Pessoa-PB, abril 2012